

Dilma tenta inaugurar nova etapa em relação com China

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em: 11/04/2011

Por Silvia Salek A presidente Dilma Rousseff chegou a Pequim nesta segunda-feira para uma visita de seis dias em que tentará inaugurar uma nova etapa na relação do Brasil com a China. "A China é uma grande compradora de commodities. Nos interessa que continue sendo uma grande compradora, mas nos interessa também abrir uma nova etapa nessa relação em que a gente seja parceiro na área de ciência e tecnologia e na área de pesquisa", disse o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Fernando Pimentel. "O objetivo da visita da presidente Dilma é inaugurar essa nova etapa. Não queremos perder a China como parceiro, mas queremos qualificar mais nossa relação com a China", acrescentou Pimentel, após participar, ao lado da presidente, de um encontro com o CEO da Huawei, Ren Zhengfei. Pimentel anunciou ainda que a empresa chinesa de equipamentos de telecomunicações e computação vai investir cerca de US\$ 300 milhões no Brasil na construção de um centro de pesquisa e tecnologia e também doar US\$ 50 milhões em equipamentos para universidades brasileiras. "Começamos com pé direito", comemorou Pimentel. A busca por mais e 'melhores' investimentos chineses ocorre no momento em que a China desponta como um dos principais investidores do mundo, o quinto maior, segundo o governo chinês. No ano passado, investiu US\$ 59 bilhões no exterior, segundo o Ministério do Comércio. A maior parte teve como alvo obter acesso a commodities na área de petróleo e mineração, mas há, segundo analistas, potencial para uma maior diversificação. Reciprocidade Em Pequim, Dilma Rousseff terá uma reunião com o presidente Hu Jintao para discutir o "aprofundamento da parceria estratégica sino-brasileira". Nas palavras de Dilma Rousseff à agência estatal chinesa Xinhua, em entrevista ainda no Brasil, essa relação deve ser baseada na 'reciprocidade'. O grande desafio de Dilma Rousseff nesta primeira viagem à China como presidente é criar bases para uma maior diversificação da pauta de exportações brasileiras, garantir melhor tratamento a empresas na China, como a Embraer, e também atração de investimentos em setores que não apenas o de extração de recursos naturais. 'Esta é uma relação que, eu acredito, será muito bem desenvolvida entre os dois países porque há algumas áreas em que a China pode ser crucial para o Brasil e outras em que o Brasil pode ser crucial para a China (...) baseada em um conceito que eu considero muito importante em uma relação entre iguais: a reciprocidade', disse Dilma Rousseff à Xinhua. Desvantagem Os números que embasam a defesa do discurso da reciprocidade são bem claros. A China se tornou o principal parceiro comercial do Brasil em 2009. Mas as características dessa pauta comercial deixam o Brasil, na opinião de muitos setores, em posição de desvantagem. Cerca de 95% das exportações brasileiras para a China são de matérias-primas. A via contrária, da China para o Brasil, é dominada quase em sua totalidade por produtos industrializados. Além de principal parceiro comercial, o país se tornou também o principal investidor estrangeiro no Brasil em 2010. E também a área de investimentos diretos reflete a sede chinesa por commodities que sustentem seu crescimento. Segundo o Centro de Estudos Brasileiros da Academia Chinesa de Ciências Sociais, 85% dos investimentos no Brasil estão nos ramos de mineração e petróleo. Além disso, empresas brasileiras como a Embraer enfrentam grandes dificuldades em suas operações na China. Há expectativa de que um acordo seja

anunciado nesta visita para encomenda de jatos da Embraer por uma empresa chinesa, o que poderia representar um avanço na solução de uma questão polêmica que se arrasta há anos.

Cooperação Em entrevista à BBC Brasil, o diretor do Centro de Pesquisa Econômica da Universidade de Pequim, Yang Yao, disse que o Brasil deveria buscar mais cooperação da China em busca de competitividade. "O que o Brasil realmente precisa é de investir o que ganha com recursos naturais em ampliar sua capacidade industrial", disse Yang Yao. "E a China pode oferecer algum tipo de ajuda nesta área aumentando seus investimentos no país. O Brasil deveria encorajar mais investimentos da China para incentivar sua manufatura e infraestrutura", recomendou.

Agenda Na China, Dilma Rousseff deve assinar uma série de acordos bilaterais em áreas como ciência e tecnologia, defesa, agricultura, energia e educação. No campo empresarial, serão firmados acordos nos setores de energia, telecomunicações e eletrônica. Além da visita oficial à China, sua terceira viagem ao exterior desde que tomou posse, Dilma Rousseff participa, na cidade de Sanya, da cúpula dos países que integram o grupo dos Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e que passa agora a incluir a África do Sul). De lá, vai para a cidade de Boao para participar do Fórum de Boao para a Ásia, um encontro de empresários da região. O roteiro prevê ainda uma visita à cidade de Xi'an, na província de Shanxi, onde a presidente visitará o centro de pesquisa de uma empresa chinesa, ZTE, com interesses no Brasil. Dilma Rousseff embarca de volta à Brasília no sábado. Esta notícia foi publicada em 11/04/2011 do www1.folha.uol.com.br. Todas as informações nela contida são de responsabilidade do autor.